

Leonor Amarante

instituto de arte

# As Bienais

de São Paulo / 1951 a 1987

arte contemporânea

## Seleção e confusão

A luta começou no momento em que a Bienal publicou a lista de corte, feita pelos seguintes membros do júri: Lourival Gomes Machado, Lívio Abramo, José Geraldo Vieira, Flávio de Aquino e Armando Ferrari. Parte da história da arte contemporânea brasileira foi recusada: Aldo Bonadei, Flávio de Carvalho, Darcy Penteado, Carybé, Jenner Augusto, Genaro de Carvalho, Caciporé, Felícia Leirner, Maria Bonomi, Sérvulo Esmeraldo e Teresa d'Amico. Entre os que tiveram uma recusa parcial estavam Arnaldo Pedrosa d'Horta, Aldemir Martins, Fernando Lemos, Aluísio Carvão, Volpi, Mário Cravo, Franz Weissmann, Krajoberg, Maurício Nogueira Lima, Maria Leontina, Edith Behring, Waldemar Cordeiro, Luiz Sacilotto, Hermelindo Fiaminghi, Samson Flexor, Willys de Castro, Lygia Pape, Arthur Luiz Piza, Danilo Di Prete, Sérgio Camargo, Bruno Giorgi. Foram integralmente aceitos pelo júri: Fayga Ostrower, Milton Dacosta e Yolanda Mohalyi. Não enviaram trabalhos, entre outros, Portinari, Di Cavalcanti, Guignard, Pancetti, Segall, Maria Martins, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Graciano, Goeldi, Lívio Abramo, Rebolo, Renina Katz, Antônio Bandeira e Lygia Clark.

Seco e direto, o artista Oswald de Andrade Filho denunciava: "Logo na 1.<sup>a</sup> Bienal, formou-se um júri composto de grandes personalidades internacionais, entre as quais se encontrava um crítico francês. Ele lutava ferozmente pela premiação de Roger Chastel que, segundo me informaram, tinha seus trabalhos comprometidos com uma galeria na qual o tal crítico era sócio. Não satisfeito com isso, esse mesmo júri premiou dois ou três limões do 'fratello' Di Prete, que, francamente, perdoe-me o meu bravíssimo colega, não deveriam nem ser aceitos numa exposição daquele nível". Oswald Filho achava uma estranha "coincidência" os quadros premiados pelo júri da 3.<sup>a</sup> Bienal já aparecerem fotografados no catálogo, que era impresso muito tempo antes da inauguração da mostra e do julgamento. E prosseguia: "E assim, os 'gênios' iam aparecendo. Para alguns, toda a severidade, para outros, olhos fechados. Enquanto isso, as pobres tentativas de amadoras grã-finas brilhavam nos salões do Ibirapuera. Mas, de repente, aparece um júri durão. Os membros se reúnem e começam os cortes - enormes, terríveis, impiedosos, severos, moralizantes, renovadores.

Ouvem-se gritos e protestos, talvez tenham um pouco de razão. Mas o culpado é o próprio museu. O júri representa uma mentalidade e age de acordo com ela. Quem nomeou a maioria de seus membros foi o próprio MAM".

Diante de tanta confusão, Darcy Penteado sugeria para as próximas bienais a participação de dois críticos estrangeiros e de artistas nacionais, escolhidos por eles mesmos, para compor o júri e "evitar o espírito preconcebido dos críticos. A atitude deste júri foi inexplicável. Partiu de um princípio de rigor sem definir onde aplicar esse rigor: se na tendência da arte ou no trabalho em si mesmo". Sem paciência, o escultor Caetano Fracaroli entrou na polêmica. "Com esse júri, até Picasso seria excluído. Todos os artistas deveriam retirar seus trabalhos. A maioria concorda conosco e não está de acordo com as obras escolhidas". O crítico Jayme Maurício, do *Correio da Manhã*, descreveu assim o que viu: "Gente zangada, gente irritada, gente com idéias violentas, idéias recalçadas, idéias de subversão e idéias muito bobas, infantis mesmo". Ciccilo e Pedrosa, juntamente com Luís Martins e Pfeiffer, enfrentaram uma saraivada de exigências. Maurício ainda registrou na *Folha da Noite* que houve discussões, "mas Ciccilo ouviu a todos com bom humor, ponderando aqui, sugerindo acolá, simples, alegre, como um verdadeiro pai de gente nervosa, inquieta e talentosa". Colocando-se radicalmente a favor da direção da Bienal, Maurício via tudo como "uma esplêndida demonstração de entendimento e camaradagem, entre o industrial e os eternos revoltados e insatisfeitos; prova da liberalidade de um homem que trabalha intensamente, dirige fábricas, milhares de empregados, e ainda encontra tempo para passar quatro, cinco ou seis horas ouvindo reclamações, as mais descabidas". Ciccilo, com certa dose de ironia, aconselhou as "crianças loiras" a prepararem melhor seus trabalhos para a 5.<sup>a</sup> Bienal, porque quanto à 4.<sup>a</sup> não havia mais jeito. "Achei muito bom o movimento que vocês encabeçaram, porque serviu para mostrar que a arte no Brasil está bem viva. Não houve excessos imperdoáveis, e debate, seja ele violento ou fraco, é próprio da cultura. Nem cheguei, no fim de tudo, a levar um bofetão. Penso, portanto, que tudo já passou. Vocês continuam a ser minhas crianças loiras, de grandes olhos azuis e cachos a cair nos ombros."